

Lojas se transformam em bares gigantescos

A discussão sobre as lojas de conveniência 24 horas dos postos de gasolina é polêmica. Os limites para o funcionamento dos comércios não estão bem estabelecidos. Muitos deles se expandem com tamanha desenvoltura que passam a se assemelhar a bares, com mesas, aparelhos de televisão e máquinas de fliperama. É o caso da Pit Stop, na QI 9 do Lago Sul. Lá, o consumidor pode encontrar de tudo - revistas, sanduíches naturais, cerveja, vinho, energéticos, salgadinhos, entre

vários outros produtos.

A intenção do gerente, Colemar Júnior, é que a loja aumente ainda mais de tamanho. O próximo passo será a produção própria de sanduíches. Para que uma loja de conveniência ofereça esse tipo de serviço, que lembra o de uma lanchonete, o GDF cobra uma série de modificações em sua estrutura. O forno, por exemplo, deve ser elétrico ou microondas. "Nós temos consciência de que devemos tomar cuidado porque estar ao lado de um posto de gasolina im-

plica medidas de segurança", explica Colemar.

O crescimento dos comércios esbarra em problemas relativos ao planejamento urbano da cidade: estariam eles em locais adequados para funcionar oferecendo serviço tão abrangente? O administrador de Brasília, Eurípedes Leôncio Carneiro, acredita que as lojas só devem vender o essencial. "Elas são ótimas para garantir serviços básicos para o motorista, não mais que isso", fala. "Quando passam a funcionar como bares, estão no lugar er-

rado", completa.

Há, também, questões legais. Não há lei que proíba venda de bebida alcoólica em postos de gasolina da cidade (a lei que existe diz respeito aos postos de beira de estrada), mas o decreto nº 14.953, de julho de 95, veta o consumo de bebidas onde os encontros de jovens em Brasília ocorrem: fora das lojas, mas dentro das áreas dos postos. "Quando as bagunças começam, o problema passa a ser de segurança pública, caso de polícia", avisa Leôncio. (T.F.)